



## RESISTÊNCIA E DENÚNCIA CONTRA O RACISMO/MACHISMO NAS VOZES DE POETAS MULHERES NEGRAS

**Dalila Silverio** – theliroud@gmail.com

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste, Cascavel, Paraná, Brasil;  
<https://orcid.org/0000-0002-1579-1058>

**Kelly Cristiane Nunes** – kellycris.letras@gmail.com

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste, Cascavel, Paraná, Brasil;  
<https://orcid.org/0000-0002-0375-1120>

**Rosangela Alves da Silva** – hay\_hay@hotmail.com

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste, Cascavel, Paraná, Brasil;  
<https://orcid.org/0000-0001-9903-7580>

**Valdeci Batista de Melo Oliveira** – valzinha.mello@hotmail.com

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste, Cascavel, Paraná, Brasil;  
<https://orcid.org/0000-0002-7623-4087>

**RESUMO:** O presente artigo traz como tema a poesia afro-brasileira escrita pelas poetas Conceição Evaristo e Esmeralda Ribeiro como arma de resistência contra o racismo estrutural que, historicamente, sustenta a sociedade brasileira, ao ponto de haver camuflado extermínio de jovens negros, silenciamento, apagamento e assassinatos de homens e de mulheres negras, quase tidos por naturais. A essas mazelas somam-se as da misoginia e machismo que empesta a vida das brasileiras em geral, com particular agravo para a mulher negra, tida como o outro do outro, podendo então ser objeto de sevícia ou mero *animal laborans*. Nessas condições a pouca visibilidade destas duas poetas, que realizam um trabalho de resistência e denúncia em voz lírica, é exposta e enfrentada discursivamente. Como método, faremos uso da literatura comparada e a análise e interpretação dos poemas escolhidos terá escopo teórico em Adorno (2003); Goldstein (1985), Martins (2000) entre outros, e também nos estudos que tratam da trajetória negra na literatura nacional, como Proença Filho (2004) e Duarte (2018). O trabalho poético realizado pelas poetas trazidas aqui apresentam, além de toda a beleza de sua estética, uma perspectiva histórica singular, que parte do olhar da mulher negra nutrido de versos transbordantes de força e resistência como verdadeiros atos políticos de denúncia e exposição contra séculos de discriminação contra o negro e contra a mulher negra.

**PALAVRAS-CHAVE:** poesia negra; vozes mulheres; resistência; denúncia.

*A poesia desconstrói o poder. A poesia absoluta desconstrói absolutamente.  
É uma incursão subversiva na linguagem esquecida do inconsciente coletivo.  
É a suprema Resistência. (Lawrence Ferlinghetti).*

### 1 INTRODUÇÃO

O racismo estrutural é uma das maiores forças que sustenta e mantém a concentração de renda da sociedade brasileira (ALMEIDA, 2018). Aliado a essa força soma-se a força da misoginia e do machismo como o outro pilar de sustentação do nosso atraso socioeconômico (RIBEIRO, 2018). O peso

dessas duas mazelas cai com força brutal sobre os “condenados da terra”, especialmente sobre a mulher negra, tida como o outro do outro, portanto sendo o *pharmakós* em quem se despeja todo o peso da opressão havida nesse país.

Desde a época da escravidão, há registros históricos, embora muito não tenha sido registrado, ou tenha se perdido, que atestam levantes, denúncias e resistência contra a opressão imposta ao negro. Muitos quilombos são a prova desse enfrentamento e neles se destaca Dandara dos Palmares, mulher de força e coragem, emblema da valentia feminina contra a escravidão, racismo e patriarcalismo (SOUZA; CARARO, 2017).

Assim como Dandara dos Palmares e tantas outras e outros, as poetas Conceição Evaristo e Esmeralda Ribeiro desafiam o lugar imposto à mulher negra pelo racismo/machismo brasileiros, inclusive os escondidos na academia. Seus poemas trazem mensagens poéticas agudas, firmes e comprometidas com a vida dos que não tiveram, e muitas vezes ainda não têm, o direito à voz e à participação cidadã.

Essas mulheres negras escritoras são pontas de lança na produção literária feminina de resistência à doxa patriarcal. Autoras de prosa de ficção, de poesia lírica e de outros gêneros, também se aliam à poesia da libertação, ao fazer da palavra uma arma capaz de retirar da penumbra as prisões materiais e simbólicas que submetem a etnia negra por tantos séculos. Para encontrar seus espaços, precisam criar rente à prosa pesada, mortal de denúncia e revolta, de modo a clarear os mínimos recantos das experiências da opressão vividas pelas mulheres negras, colocadas na posição de subalternas.

Para a consecução desse artigo lançaremos mão do método da literatura comparada, cotejando os poemas escolhidos pelas analogias e contrastes, suas relações interdisciplinar e interfaces. O escopo teórico a sustentar a análise e interpretação vem de Adorno (2003); Goldstein (1985); Martins (2000) e outros, considerando os conceitos e as proposições elaboradas por eles, para teorizar o ser e a especificidade da poesia lírica.

## 2 VOZES ICONOCLASTAS DA RESISTÊNCIA À REIFICAÇÃO E AO RACISMO

As poetas escolhidas para o presente artigo demonstram que a escrita literária de ambas é expressão de resistência. E por sê-lo, elas lograram os muitos que tentaram e não conseguiram enquadrar a sua lírica na moldura do valor monetário, do prestígio e do poder. Assim como proposto por Adorno (2003), a poesia lírica plasmada pelas autoras destacadas guarda um caráter intrínseco de preferir viver na penúria a ser mercantilizada, justamente por isso torna-se a expressão da resistência, no sentido de afirmar ou defender os ideais libertários e humanistas. A ela cabe gritar revoltas, descontentamentos e resistências contra o discurso hegemônico e contra *status quo*. A escrita com que se faz essa “poesia da libertação” é marcada pela raiva como força que se se contrapõe ao estatuído. Na voz dessas duas poetas a enunciação

lírica pode ser vista como uma versão contemporânea do verso épico que almejou ser “uma tuba sonora e belicosa”.

Assim, na condição de poetas negras, essas mulheres escritoras se fazem porta-vozes da resistência cultural ao *establishment* patriarcal. Com seus versos dão vez e voz às memórias silenciadas pela barbárie imposta à etnia afro, forçada a arcar com os custos da construção desse país. Elas valorizam a identidade negra e em nome dela expõem e rechaçam as políticas de branqueamento, a ideologia da miscigenação e o mito da democracia racial propostos pelos intelectuais, referendados pelo ordenamento médico-jurídico, estabelecidos pelo poder estatal e cultivados pelo discurso que sustenta a vida social.

Nesse trabalho possante que as poetas, Conceição Evaristo e Esmeralda Ribeiro tomam por tarefa, e reconhecidamente são referenciadas tanto na cultura quanto na luta para a superação das desigualdades raciais decorrentes da escravidão, se juntam a elas muitas outras muitas irmãs negras a compartilhar o peso de uma herança maldita de 350 anos de escravidão no Brasil. Não as esqueceremos, mas no espaço que nos cabe aqui, entre tantas mulheres negras que se dedicam à tarefa de serem estandartes da poesia afro-brasileira, escolhemos as duas já nominadas, acreditando que as palavras escritas por todas elas podem reverberar e iluminar outras consciências.

Da vasta obra lírica de Conceição Evaristo escolhemos o poema *Do fogo que em mim arde* (2017), que faz parte da obra *Poemas da recordação e outros movimentos*, publicada, pela primeira vez, em 2008 pela editora Nandyala. Reeditada em 2017 pela editora Malê, com nova capa e acrescida de mais 21 poemas, ao todo, a obra conta com 65 poemas que estão divididos em 6 blocos pela temática. Na abertura de cada seção desses temas são colocadas uma espécie de epígrafes, feitas de trechos em prosa retirados da obra da própria autora. A epígrafe que abre o poema aqui analisado começa com a frase: “quando a luz de lamparina era apagada, a escuridão do pequeno cômodo, em que dormíamos com mamãe, me doía....” (p.81). Essa epígrafe plasmada em prosa lírica elegíaca fala de irmãs, tias, mulheres, apuração dos sentidos de menina tentando compreender o mundo nos ecos das vozes das mulheres. Ao todo, essa seção contém 16 poemas que falam de mulheres reais como Carolina de Jesus e fictícias como a protagonista Macabeia do romance *A hora da estrela* (1977) de Clarice Lispector.

Começamos a análise-interpretativa do poema *Do fogo que em mim arde* (2017) abaixo transcrito:

*DO FOGO QUE EM MIM ARDE*

Sim, eu trago o fogo,  
o outro,  
não aquele que te apraz.  
Ele queima sim,  
é chama voraz  
que derrete o bico de teu pincel  
incendiando até às cinzas  
O desejo-desenho que fazes de mim.

Sim, eu trago o fogo,  
o outro,  
aquele que me faz,  
e que molda a dura pena  
de minha escrita.  
é este o fogo,  
o meu, o que me arde  
e cunha a minha face  
na letra desenho  
do auto-retrato meu

(EVARISTO, 2017, p. 83).

Vemos que o poema figura uma atitude responsiva ativa, é plasmado como uma resposta a uma hipotética pergunta feita por um interlocutor que aparece nos textos pelos termos “te”, pronome oblíquo átono, e “teu”, como segunda pessoa do discurso. A pergunta está implícita, não aparece em nenhuma formulação frasal dos versos do poema, talvez porque ela seja uma pergunta de reconhecido uso na vida social da mulher negra, agindo como um interlocutor que reforça o estereótipo misógino da mulata como mulher ferosa e receptiva aos olhos do branco, como demonstram tantas propagandas em que a mulher negra é figurada como tal, sempre disposta a corresponder aos apetites libidinosos do branco.

Do ponto de vista da heterogeneidade implicada (AUTHIER-REVUZ, 1990) o poema do *Fogo que arde em mim* parece ser uma resposta a um famoso ícone do samba denominado *Mulata Assanhada* (1956), de Ataulfo Alves, (a época, único negro a ser colocado na lista dez mais elegantes do Ibrahim Sued<sup>1</sup>). Cantado por Elza Soares, esse samba expõe o estereótipo e o discurso brasileiros predominantes sobre a mulher negra. Nesse sentido o poema *Do fogo que arde em mim*, instância é réplica à enunciação da música *Mulata Assanhada* por personificar um interlocutor a quem o poema se contrapõe. Vejamos a letra:

*MULATA ASSANHADA*

Ô, mulata assanhada  
Que passa com graça  
Fazendo pirraça  
Fingindo inocente  
Tirando o sossego da gente!

Ah! Mulata se eu pudesse  
E se meu dinheiro desse  
Eu te dava sem pensar  
Esse céu, essa terra, este mar  
E ela finge que não sabe  
Que tem feitiço no olhar!

---

<sup>1</sup> <https://blogs.oglobo.globo.com/joaquim-ferreira-dos-santos/post/mocidade-nao-cancele-mulata-assanhada-elza-soares.html>. Consulta em 20 de dezembro de 2020.

Ai, meu Deus, que bom seria  
Se voltasse a escravidão  
Eu comprava essa mulata  
E prendia no meu coração!  
E depois a pretoria  
Resolvia a questão!

(ALVES, 1956)

A mulher cantada no samba é a mulher negra predicada por mulata assanhada, fingida e feiticeira. Assanhada etimologicamente deriva de sanha cujo sentido dicionarizado é “vontade incontrolável” “fúria”, guardando resquícios<sup>2</sup> do discurso médico patriarcal da construção do corpo feminino.

Na resposta da poeta Conceição Evaristo o fogo que arde no eu lírico não é o fogo da luxúria para incendiar as paixões sexuais e sim o fogo da luta que queima as percepções do imaginário branco sobre a mulher negra, para a elas se contrapor com uma outra identidade, a da mulher negra como mulher forte e guerreira, que tem consciência de que não quer ser vista como objeto sexual, enfrentando e superando as barreiras impostas a sua condição humana.

Abre o poema de Conceição Evaristo o advérbio de afirmação sim, que remete a uma interlocução, cujo interlocutor, tratado por tu, é silenciado, sem direito a tréplica e não encarnado numa figura concreta. Mas a essa confirmação de que tem fogo, o eu lírico acrescenta o termo o outro, que significa outro tipo de fogo. Ao fogo primeiro, da pergunta, se pode atribuir a negatividade de ser uma imposição, de revelar a história nefasta das mulheres negras escravas, obrigadas a servir de pasto para as sanhas sexuais dos senhores de escravos.

Além de serem obrigadas a serem pastos para seus donos e senhores, sobre a mulher negra recaia os ciúmes, os ódios das sinhás, mulher do dono da escrava abusada. E por conta desses ciúmes e ódios muitas mulheres negras foram literalmente assadas ao forno pelas sinhás ciumentas.

No poema, se o primeiro fogo é metáfora estereótipo da mulher negra como fornida, a metáfora também guarda a história de sofrimento e barbárie que a mulher negra foi obrigada a suportar. Contrapondo a ele a metáfora do segundo fogo, “o outro”, expressa o efeito de sentido de dizer que este fogo se refere a uma outra construção identitária, diferente daquela que o interlocutor julga conhecer ou acredita que conhece. A apresentação desse outro fogo instaura nele um processo de afirmação e constituição da identidade do sujeito lírico, os valores, as representações e os sentidos dessa identidade, que é mediada não só pelo grau de aceitação e credibilidade instaurada pelo outro (POLLAK, 1992), mas também pela forma como o eu lírico se reconstrói a partir do conflito identitário entre “este” e “aquele”,

---

<sup>2</sup> MARTINS, APV. *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004, 287 p. História e Saúde collection. ISBN 978-85-7541-451-4 <https://static.scielo.org/scielobooks/jnzhd/pdf/martins-9788575414514.pdf>. Consulta em 20 de dezembro de 2020.

ou seja, entre a visão calcada em estereótipos sobre o fogo e a mulher negra e a ressignificação desse fogo enquanto motor de autoafirmação.

Sobre o estereótipo da mulher negra, Duarte, um dos estudiosos da questão, afirma:

Enquanto personagem, a mulher afrodescendente integra o arquivo da literatura brasileira desde seus começos. De Gregório de Matos Guerra a Jorge Amado e Guimarães Rosa, a personagem feminina oriunda da diáspora africana no Brasil tem lugar garantido, em especial, no que toca à representação estereotipada que une sensualidade e desrepressão. 'Branca para casar, preta para trabalhar e a mulata para fornicar': assim a doxa patriarcal herdada dos tempos coloniais inscreve a figura da mulher presente no imaginário masculino brasileiro e a repassa à ficção e à poesia de inúmeros autores. Expressa na condição de dito popular, a sentença ganha foros de veredicto e se recobre daquela autoridade vinculada a um saber que parece provir diretamente da natureza das coisas e do mundo, nunca de uma ordenação social e cultural traduzida em discurso (DUARTE, 2009, p. 06).

É contra esse veredicto que o sujeito lírico se insurge e que a voz lírica se levanta, construindo um outro retrato. Neste retrato a mulher negra não é mais objeto sexual do homem branco, agora o fogo, como o outro, é a força das energias vitais de quem se redescobre poeta e cuja face é forjada na dureza da palavra de quem sabe que para ser conhecida e respeitada como poeta, não pode só falar de flores, precisa sim de disposição para a luta contra a doxa patriarcal que a colocou em uma posição de subalternidade.

Entre os muitos e importantes procedimentos críticos teóricos de Adorno sobre a poesia lírica destacamos os do excerto abaixo, pois o poema *Do fogo que arde em mim* se levanta como reação à prepotência à reificação do discurso masculino sobre o corpo da mulher negra, das mulheres e da vida em geral. Ei-los:

[...] o poema enuncia o sonho de um mundo em que essa situação seria diferente. A idiosincrasia do espírito lírico contra a prepotência das coisas é uma forma de reação à coisificação do mundo, à dominação das mercadorias sobre os homens, que se propagou desde o início da Era Moderna e que, desde a Revolução Industrial, desdobrou-se em força dominante da vida (Adorno, 2003, p. 69).

O sonho que Conceição Evaristo enuncia no poema retrata outra imagem da mulher negra, nela vemos a mulher negra escritora, deputada, vereadora, mãe e ocupando todos as posições e lugares sociais que almeje alcançar, em contraposição ao discurso da reificação que nega espaços à mulher e mais ainda à mulher negra.

Segundo (BERND,1988), a poesia afro-brasileira começa a se fazer quando o negro assume seu lugar na instância da enunciação, o poeta não reivindica mais apenas o reconhecimento, acrescentado a ele a reapropriação de lugares e posições sociais, antes permitidos somente aos brancos. A singularidade

dessa tomada de consciência de si do lugar que deve ocupar dentro de uma sociedade em que o racismo tem base estrutural funciona como uma cunha que força o discurso e as práticas racistas a lançar mão de disfarces para se escamotear. Ainda que na atualidade homens e mulheres negras sejam assassinados de forma vil, como se vivêssemos os estertores do racismo, não nos cabe esquecer a importância dos desdobramentos e de suas ressonâncias no campo literário cultural e social, que essa nova postura da poesia afro-brasileira apresenta. Em certa medida, além de contribuir para a sobrevivência e fortalecimento desse movimento literário, essa postura renova o cânone brasileiro *tout court*.

Uma grande representante dessa postura de reapropriação de espaços é a jornalista e escritora brasileira Esmeralda Ribeiro. Há três décadas é coautora dos “Cadernos Negros”, uma série de contos e poemas que desde 1978 se tornou o principal veículo de divulgação da escrita daqueles que resolvem colocar no papel suas experiências e visão de mundo. O poema “Olhar negro”, escolhido para esta análise, foi publicado em “Cadernos Negros: os melhores poemas”, de 1998:

#### OLHAR NEGRO

Naufragam fragmentos  
de mim  
sob o poente  
mas,  
vou me recompondo  
com o Sol  
nascente,

Tem  
Pe  
Da  
Ços

mas,  
diante da vítrea lâmina  
do espelho,  
vou  
refazendo em mim  
o que é belo

Naufragam fragmentos  
de mim  
na coca  
mas, junto os cacos, reinvento  
sinto o perfume de um novo tempo

Fragmentos  
de mim  
diluem-se na cachaça  
mas,

pouco a pouco,  
me refaço e me afasto  
do danoso líquido  
venenoso

Tem  
Pe  
Da  
Ços

tem  
empilhados nas prisões,  
mas  
vou determinando  
meus passos para sair  
dos porões

tem  
fragmentos  
no feminismo procurando  
meu próprio olhar,  
mas vou seguindo  
com a certeza de sempre ser  
mulher

Tem  
Pe  
Da  
Ços,

mas  
não desisto  
vou  
atravessando o meu oceano  
vou  
navegando  
vou  
buscando meu  
olhar negro  
perdido no azul do tempo  
vou  
vôo

(RIBEIRO, Esmeralda. *Cadernos Negros: os melhores poemas*. 1998. p. 64-66)

A primeira observação a ser feita sobre o poema é quanto ao seu título indicando que o texto possui um olhar negro, ou seja, que o eu lírico é a mulher negra, mostrando o seu ponto de vista, quase sempre silenciado na sociedade, tratando de dois temas marginais: o negro e o feminino, dando voz àqueles que não conseguem se fazer ouvir.

O poema é composto por dez estrofes fragmentadas. A fragmentação é uma característica marcante em todo o aspecto gráfico do poema e, assim, o eu lírico demonstra a ideia de um ser feito em

“pedaços”, e a separação da palavra é proposital, o que acaba unindo o conteúdo e a forma do poema. Ao realizar a escansão da primeira estrofe, nota-se a sincronicidade dividida em três partes:

1	}	Naufragam fragmentos	5 (n° de sílabas poéticas)
		de mim	2
2	}	sob o poente	3
		mas,	1
3	}	vou me recompondo	5
		com o Sol	3
		nascente,	2

Já o refrão permanece estático:

Tem	1
Pe	1
Da	1
Ços	1

Na sequência, é perceptível que as estrofes não seguem a mesma métrica da primeira:

mas,	1
diante da vítrea lâmina	6
do espelho,	2
vou	1
refazendo em mim	5
o que é belo	3

Sobre a estrutura geral do poema, é possível afirmar que não há métrica perfeita, mas há sincronia e as rimas são livres: a sincronia pode ser notada dentro das estrofes e no refrão, que permanece estático. A métrica também demonstra uma fragmentação que se relaciona diretamente com o conteúdo, em que o eu lírico expressa seu ser segmentado em todo o poema.

Quanto à sonoridade, é possível afirmar que a composição é musical, pois segundo Vilariño (2016), todo poema é um objeto sonoro por natureza. Entretanto, a musicalidade não é uma característica tão evidente na obra quanto a união do conteúdo e da forma. Essa união se dá por meio da palavra “pedaços” em que a poeta apresenta de forma separada nos versos, evidenciando o sentido da palavra. E, também, nas pausas nos versos das estrofes que remete a uma sensação de ruptura. De acordo com Martins (2000), os sons da língua podem provocar-nos uma sensação de agrado ou desagradado e ainda sugerir ideias, impressões. Ainda para a autora, “o modo como o locutor profere as palavras da língua

pode também denunciar estados de espírito ou traços da sua personalidade” (MARTINS, 2000, p. 26). Ou seja, no poema ou na linguagem em si, as impressões fônicas podem influenciar, intensificar ou produzir sensações, como as que a poeta nos fornece nas pausas e segmentações ao longo do poema. A escansão também apresenta uma visão mais clara das fragmentações em seus versos. Como na primeira estrofe (5-2-3-1-5-3-2) e na terceira (1-6-2-1-5-3), as pausas ocorrem quando há apenas uma sílaba poética e em todo o refrão (1-1-1-1).

No nível lexical e sintático, a autora escolhe palavras de uso comum e opta por um vocabulário coloquial. Utiliza, ainda, vários verbos no gerúndio, o que demonstra uma continuidade de ideias. Já em relação à sintaxe, aparece em todo o poema a elipse, na omissão do sujeito eu. Há um destaque em orações adversativas, na conjunção adversativa “mas” contrapõe o expressado pelo eu lírico, dando mais ênfase àquilo que vem na continuação do discurso. Com o novo dia volta a esperança do eu lírico, em que este reforça que, apesar de todas as adversidades, continua lutando e resistindo. O eu lírico expressa a ideia de um ser que é feito de “pedaços”, isso aparece ao longo do poema. Para expressar isso, a autora brinca com a forma e não coloca a palavra por inteiro, e destaca isso em partes: Pe-da-ços.

Na escrita de Esmeralda Ribeiro, percebemos que a autora revisa o passado histórico de escravidão do país, trazendo à tona fatos que não foram narrados pela conhecida história oficial. São vozes que denunciam o racismo, o sexismo, as desigualdades sociais e combatem estereótipos construídos. Conforme Proença Filho (2004), na história da literatura brasileira há uma prevalência da visão estereotipada no negro pelo menos até os anos de 1960, quando começam a surgir textos comprometidos com a real dimensão da etnia. Na visão do autor:

O posicionamento engajado só começa a corporificar-se a partir de vozes precursoras, nos anos de 1930 e 1940, ganha força a partir dos anos 1960 e presença destacada através de grupos de escritores assumidos ostensivamente como negros ou descendentes de negros, nos anos de 1970 e 1980, preocupados com marcar, em suas obras, a afirmação cultural da condição negra na realidade brasileira. As vozes continuam nos anos de 1990 e na atualidade (PROENÇA FILHO, 2004, p. 176).

Esse engajamento relaciona-se com os movimentos de conscientização dos negros brasileiros e marcam o início do século atual. Os propósitos de afirmação étnica e de identidade unificam os autores e os seus poemas centralizam-se na representatividade e na tomada de decisão. De acordo com Proença Filho (2004), os textos se fazem majoritariamente de versos livres, o discurso vincula-se às técnicas incorporadas pela linguagem poética a partir do modernismo, há uma preocupação com a singularização cultural, e o texto se situa como denúncia ou ruptura. Características essas encontradas no poema em análise, em que a autora se posiciona trazendo sua perspectiva enquanto negra e mulher.

Esse olhar negro, trazido por Esmeralda Ribeiro no texto está atento às novas possibilidades, por isso reúne fragmentos como um ponto de partida para alcançar novos retratos, imagens e transformações. A ideia é alçar novos voos, mas tudo acontece de forma pausada na soletração da voz compreendida pelo eu lírico, a qual revela gestos que marcam uma ação-insubordinação como maneira de inverter a ordem do poder e o seu imaginário, marcando a resistência em sua voz.

Na primeira estrofe da poesia em estudo, o eu lírico da mulher negra demonstra seu cansaço no final do dia, como se esta fosse feita em pedaços que se afogam, mas que se reconstroem com a chegada do novo dia: “Naufragam fragmentos, / de mim, / sob o poente, / mas, / vou me recompondo, / com o Sol/ nascente”. Na terceira, quarta e quinta estrofe, demonstra que diante do espelho reconstitui sua autoestima e revela que em determinados momentos de fraqueza, tenta esquecer sua dor nos vícios do álcool e drogas, mas depois se afasta e se refaz.

Na sétima estrofe, salienta a sua ligação com outros negros ao afirmar que: “tem/ empilhados nas prisões, / mas/ vou determinando/ meus passos para sair/ dos porões”. E, nesse sentido, o eu lírico ilustra o fato de que os negros são a grande maioria no sistema penitenciário brasileiro e que ocupa os piores empregos e posição social, mas ela persiste, lutando para mudar essa situação, trazendo consigo uma tradição ancestral de lutas, embates e formas de resistência. Nas linhas poéticas da oitava estrofe: “[...] tem/ fragmentos/ no feminismo procurando/ o meu olhar, / mas seguindo/ com a certeza de sempre ser/ mulher”, o eu lírico salienta sua ligação com um fluxo incansável de outras histórias e memórias de mulheres negras, pois entende que “o sujeito é constituído de outros sujeitos”, este constituído por um coro de vozes, embora tais referências nem sempre estejam explícitas (SETENTA, 2008, p. 85). Assim, o sujeito lírico reconhece que existe outras vozes ressoando dentro de si, porém, estabelece uma relação consciência de seguir sempre “mulher”.

Na última estrofe, demonstra toda a sua capacidade de resistência: “mas/ não desisto/ vou atravessando o meu oceano/ vou/ navegando/ vou/ buscando meu/ olhar negro/ perdido no azul do tempo/ vou/ vôo”. Um olhar negro acionado por uma voz lírica que evidencia a possibilidade de lutar contra valores instituídos, juntando os fragmentos que reinventam outras representações de si e transformando a voz individual em voz coletiva, buscando encontrar seu lugar de pertencimento, afirmação e singularidades.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As obras das poetas aqui apresentadas devem ser encaradas como atos políticos contra séculos de discriminação contra o negro, devendo ser evidenciadas em seus poemas, a força e a resistência

presentes no discurso das mulheres negras, colocadas à margem da sociedade brasileira há séculos, tendo suas vozes abafadas e caladas por uma sociedade branca e misógina.

Os poemas aqui trazidos, para além de uma análise estética, devem ser lidos a partir da perspectiva histórica que representam, à medida que trazem em seus versos uma outra versão da história, aquela escondida, marginalizada. Afinal, a escravidão e outras formas de violência direcionadas perpetuamente ao negro unificaram seu desejo de conhecer a si mesmo, dominar seu próprio destino e reconstruir um pertencimento de si mesmo no mundo (MBEMBE, 2001). O trabalho minucioso feito por essas poetas são como uma nova versão da história, o contraponto, pois elas trazem, a partir da linguagem poética, os sentimentos vividos pela população negra e estiveram enterrados nas cavernas da memória.

Destaca-se, ainda, o tom de denúncia mostrado nas obras analisadas, uma vez que todo o ódio, a luta e a resistência presentes nos discursos dessas mulheres são traduzidos em versos denotando a luta histórica de humilhação e dor. Portanto, ler e trazer essas vozes para discussões acadêmicas torna-se imprescindível para alcançar aqueles que, embora não reconheçam na sua cor de pele o suor e o sangue derramado do negro, os trazem consigo, e a partir de ponderações sobre essa luta, oxalá que um dia possamos viver em um país mais equânime.

#### 4 REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. “Palestra sobre lírica e sociedade”, *Notas de literatura I*. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003, p-p 65-89.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 19, p. 25-42, 2012. DOI: 10.20396/cel.v19i0.8636824. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636824>. Acesso em: 29 dez. 2020.

BERND, Zilá. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BERND, Zilá. (Org.). *Poesia negra brasileira*. Porto Alegre: AGE/IEL, 1992.

CADERNOS NEGROS. *Os melhores poemas*. Organização Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje / Fundo Nacional da Cultura, Ministério da Cultura, 1998.

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. Terra roxa e outras terras *In: Revista de Estudos Literários*. Volume 17-A (dez. 2009) - ISSN 1678-2054. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa-> Acesso em: 14 dez. 2018.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer. *Versos, sons, ritmos*. Editora Ática, 1985.

- MARTINS, Nilce S. *Introdução à Estilística*. 3ª Ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. *Estudos afro-asiáticos*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 171-209, Jun 2001. Available from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-546X2001000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-546X2001000100007&lng=en&nrm=iso). Acessado em 29 Dec. 2020.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. In: PROENÇA FILHO, Domício. *Estudos Avançados*, vol. 18 n°50, 2004. p. 161-193.
- RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- RIBEIRO, Esmeralda. *Cadernos Negros: os melhores poemas*. 1998p. 64-66)
- RIBEIRO, Esmeralda. *Literafro: o portal da literatura afro-brasileira*. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/244-esmeralda-ribeiro/> Acesso: 14 dez. 2020.
- SOUZA, Duda Porto & CARARO, Aryane. *Extraordinárias. Mulheres que revolucionaram o Brasil*. 1a ed. São Paulo: Seguinte, 2017.
- VILARIÑO, Idea. *La masa sonora del poema*. Montevideo: Biblioteca Nacional, 2016.

**Title**

Resistance and denunciation against racism/male chauvinism in the voice of black women poets.

**Abstract**

This article focuses on Afro-Brazilian poetry written by the poets Conceição Evaristo and Esmeralda Ribeiro as a tool of resistance against structural racism that, historically, sustains Brazilian society, to the point of camouflaging the extermination of black youth, silencing, erasure and murders of black men and women, almost considered as natural. In addition to these ailments, there are those of misogyny and male chauvinism that plagues the lives of Brazilian women in general, with a particular grievance for the black woman, considered as the other's other, who can then be the object of mistreatment or mere animal laborans. In these conditions, the poor visibility of these two poets, who carry out resistance and denunciation in a lyrical voice, is exposed and faced discursively. As a method, we will make use of comparative literature, and the analysis and interpretation of the chosen poems will have a theoretical scope in Adorno (2003); Goldstein (1985), Martins (2000) among others, and in studies that deal with the black trajectory in the national literature, such as Proença Filho (2004) and Duarte (2018). The poetic work carried out by the poets brought here presents, in addition to all the beauty of their aesthetics, a unique historical perspective, which starts from the look of the black woman nourished by verses overflowing with strength and resistance as true political acts of denunciation and exposure against centuries of discrimination against blacks and black women.

**Keywords**

Afro-feminine poetry; voices women; resistance; complaint.

---

Recebido em: 25/09/2020.

Aceito em: 26/12/2020.